



JAMIRO WANDERLEY

"A vida é eterna, é um transmutar de energias em constante evolução."

Jamiro da Silva Wanderley

Um olhar transcendente sobre ciência, espiritualidade e saúde



O médico Jamiro da Silva Wanderley é daquelas pessoas que todos querem ficar perto. Ninguém sabe o porquê, mas todos querem, realmente, ficar perto. Talvez seja pelo sorriso, pelas mágicas que ele faz de vez em quando ou por aquilo que ele mesmo diz que gosta de fazer: espalhar sementes. “Podemos fazer coisas sérias, mas sempre com bom humor. Usar a sensibilidade no ensino e colocar o coração em primeiro lugar faz o aprendizado mais leve e tranquilo”, conta. Formado em medicina pela Unicamp, em 2014 Jamiro recebeu o prêmio Miguel Ignacio Tobar Acosta de incentivo ao ensino de graduação. O prêmio é oferecido, anualmente, pela Diretoria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM). Sempre presente na mídia para responder dúvidas ou assuntos pitorescos, Jamiro aborda temas não convencionais e inusitados. Há seis anos, por conta do

pedido de um aluno, criou na FCM um grupo para conversar sobre terminalidade e espiritualidade. “Falamos sobre medicina,

ciência, crenças, religião, fatalismo, esperança e sentimentos. Quando essas coisas se imbricam, começa a ficar muito interessante...”, revela.

Jamiro concedeu a entrevista abaixo sobre medicina e espiritualidade para o Boletim da FCM e contou um pouco dessa experiência que remete à reflexão sobre os limites da vida:

Boletim da FCM – Quais são os limites do cuidar para medicina e como a crença transcende à ciência?

Jamiro da Silva Wanderley – Quando uma doença grave limita uma pessoa, ela é alijada de seu dia a dia e isso traz muitos transtornos. A medicina tem um grau de conhecimento, mas há muitas doenças que não temos como tratar adequadamente, ainda. Elas seguem seu curso, independentemente da nossa interferência. No Egito antigo havia as doenças práticas – um corte, uma mordida de crocodilo, uma queda – e as doenças mágicas, que eles não sabiam o que fazer, e então rezavam e deixavam na mão de um cuidado maior. Quando você não tem como tratar daquilo, você tenta levar esperança para o outro lado. A maioria das religiões preconiza isso.

Boletim da FCM – Isso é comum na vivência com os pacientes?

Jamiro – Sem dúvida. Em paralelo ao tratamento, eles fazem promessa, falam com o pastor, rezam com o padre. Essa crença mais poderosa que a ciência faz com que as pessoas tenham certo alívio. Alguns pacientes têm uma doença tão limitante que eles pedem ao contrário: “Se Deus quiser eu morro logo, porque assim eu acabo não sofrendo tanto”. Se um paciente tem uma determinada religião que não permite que ele receba transfusão de sangue, mesmo sabendo que ele pode morrer, é um direito dele escolher. Dependendo da formação de cada um, no que ele acredita, devemos respeitar isso.



Boletim da FCM – No caso de um paciente que o médico sabe que não haverá cura e venha a falecer. Como passar essa situação para os familiares?

Jamiro – Eu uso o exemplo da lamparina com água, óleo e pavio. Enquanto você tiver o óleo, a lamparina continua acesa. Quando o óleo vai terminando, ela se apaga. Nos pacientes com doenças muito evoluídas, é como se o óleo da lamparina fosse se esgotando. A gente precisa comentar isso com a família e com o paciente para nesse tempo que resta ajustarem coisas importantes: um resgate com a própria família, uma visita que ele não fez, um pedido de desculpa ou até mesmo acertar a situação financeira. Conversar isso de maneira sincera e aberta ajuda a pessoa e a família.

Boletim da FCM – E a parte espiritual?

Jamiro – Todas as religiões falam que as pessoas são feitas de uma parte física e uma parte chamada de alma, espírito ou o que quiser chamar. A parte física finda e a outra, não sabem muito bem o que acontece. Dependendo da crença da pessoa, pode ser mais leve ou penosa a aceitação da doença e da morte.

Boletim da FCM – Como ensinar isso aos alunos no curso de medicina?

Jamiro – Hoje se fala de terminalidade e cuidados paliativos com mais naturalidade e tranquilidade do que se falava antigamente. Existem algumas incursões longitudinais sobre isso ao longo do nosso curso de medicina que já começa a permear a formação. Mas, a maior parte dos alunos, passará sozinho por essa experiência. Ocultava-se do paciente o câncer – aquela doença ruim. Aquele oleozinho da lamparina eu não consigo manter, está vazando. Explicar isso para o doente é muito importante.

Boletim da FCM – Existe uma frase da Bíblia que diz “a Verdade vos libertará”. Como você interpreta essa frase?

Jamiro – No mundo que vivemos temos uma distorção do que é a Verdade. É a velha história do elefante palpado por vários cegos. Quem apalpou a tromba tinha uma sensação do que era um elefante, diferente de quem apalpou a pata ou a orelha. Quanto mais conhecimento você tiver a seu respeito e da ciência, menos dogmas você terá e verá que as coisas fluem dentro de uma harmonia espontânea.

Boletim da FCM – Quais são os principais dogmas da medicina que impedem a visão da espiritualidade como uma possibilidade paliativa do cuidado?

Jamiro – Um dos dogmas é achar que o médico está aqui para salvar vidas. Tem vida que você não vai conseguir salvar. Estamos aqui para diminuir o sofrimento das pessoas, fazer com que elas possam entender melhor seu processo evolutivo e viver da melhor forma possível. Ser médico é ser um indivíduo como outro, mas que detém algum conhecimento que pode orientar as pessoas a terem uma vida mais equilibrada e com saúde.

Boletim da FCM – A ciência e a religião são amigas ou não?

Jamiro – Durante um tempo, a ciência andava ao lado da religião. A partir da Idade Média, houve uma cisão, uma dicotomia. Mas a ciência e a religião são fruto da mesma etnia em relação ao descobrimento do mundo. Um dia, elas voltarão a andar juntas. Não sei se estarei aqui para ver isso...

Boletim da FCM – Quais são os limites da vida?

Jamiro – A vida é eterna, é um transmutar de energias em constante evolução. 